

ASPECTOS SEMÂNTICO-SINTÁTICOS EM DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS

Antônio Luciano Pontes - UECE/UNIFOR

1. Considerações gerais

É indiscutível a natureza didática do dicionário escolar, instrumento que se utiliza para buscar o que se desconhece, para levar a cabo as tarefas que se encomendam aos alunos em qualquer nível de educação, e, ainda, para ensinar, pois “as respostas que nele estão contidas não são simplesmente informações, mas uma ordem que deve ser executada”. (Ávila Martin, 2000, p.27).

O dicionário escolar, concebido como texto didático, tem características próprias e específicas. Institui-se em uma formulação de discurso pedagógico que leva o lexicógrafo necessariamente a repensar todo um conjunto de estratégias discursivas, fundamentalmente de caráter explicativo, as quais funcionam como didatizantes, com o fim de graduar as informações veiculadas em função do nível de escolarização do leitor ou consulente.

A questão que se coloca em nossa pesquisa é a seguinte: existem realmente dicionários dirigidos aos escolares? Só se pode responder afirmativamente a esta questão, se os dicionários produzidos no Brasil tiverem em vista às necessidades particulares dos usuários a que se destinam, pois, como afirma Maldonado (1998, p.27), “a distintos alunos e a distintas épocas lhes correspondem, sem dúvida, dicionários distintos, porque distintos são também as necessidades de consultas”. Ou seja: os dicionários são destinados a um público específico e com necessidades particulares. Para tanto, os autores dos dicionários buscam a clareza dos conceitos a partir de estratégias discursivas que funcionam como explicações, materializadas por meio de vários mecanismos ou recursos lingüísticos.

Objetivamos então nesta pesquisa apresentar os mecanismos de explicação que funcionam como instruções sobre o uso das unidades léxicas em contextos sintático-semânticos e estilísticos.

Os verbetes que compõem o corpus foram extraídos dos dicionários escolares brasileiros, adotados pelos professores da escola pública para o ensino fundamental e avaliados pelo MEC, a partir dos conceitos: Recomendado com Distinção, Recomendado, Recomendado com Ressalvas. Os dicionários estudados foram: Ferreira (2001), Mattos (1996), Sacconi (2001), Luft (2001), Rocha (1996) e Kury (2001).

Os dados são analisados à luz dos pressupostos teóricos da Lexicografia Didática e da Lingüística do Texto. Mais precisamente, desta última, estudamos os aspectos relativos ao tipo de texto explicativo e aos mecanismos de explicação. Buscam-se bases teóricas em Marcuschi (2002), Zamudio e Atorresi (2000), Martinez (1998), Ávila Martin (2000), Porto Dapena (2002), Alves (1997).

O artigo se organiza em seções, inicialmente apresentamos os fundamentos teóricos e aspectos metodológicos que nortearam nossa pesquisa, para em seguida analisar os dicionários brasileiros mais adotados no Ensino Fundamental, reconhecidos e analisados pelo MEC.

2. Fundamentos teóricos

O texto dicionarístico se inscreve no **domínio discursivo**¹ didático, identificando-se como do *tipo explicativo*, pois é “uma espécie de construção teórica definida pela *natureza lingüística* de sua composição” (Marcuschi, 2002,p.22), cuja função essencial é explicar.

¹ Marcuschi (2000, p.23), define domínio discursivo como “uma esfera ou instância de produção discursiva humana.

Explicar é uma palavra polissêmica, que compreende significados como “comunicar”, “desenvolver”, “ensinar”, “interpretar”, “dar conta de”, “dar motivos”, como reconhece Grize (citado por Zamuio e Atarazi, 2000, p. 5). *Aqui entenderemos o termo explicar basicamente como ensinar.* Nesse sentido, *a explicação funciona a partir de dois segmentos de base: um, que representa algo que deve explicar ao interlocutor, o explicando e outro segmento, o explicante, que modifica o objeto para fazê-lo mais inteligível, ou seja, o conteúdo das explicações.*

As relações entre ambos podem ser do tipo *por equivalência, ativadas por estratégias de comparação, reformulação, exemplo, tradução, analogia, definição, etc.* No dicionário escolar, essas estratégias se justificam, pois funcionam para estabelecer a clareza das informações, caracterizando-se como “um professor que não pode falar”, na expressão de Chi (1989), quando se refere à imagem que o povo chinês tem do dicionário. Esses mecanismos dizem respeito, portanto, a atividades decodificadoras, o que quer dizer a maior clareza na definição, mais facilmente o usuário compreenderá o sentido da palavra desconhecida. Essa noção corresponde ao que Seco (1987) denomina **segundo enunciado** ou, para Rey-Debove, **metalinguagem de conteúdo**

Mas no dicionário não somente ocorrem mecanismos relativos à metalinguagem do conteúdo. Outros mecanismos que dizem respeito ao uso da palavra (mais ligados *ao que é, como, para que se emprega*) são postos em funcionamento no texto do dicionário. Noutras palavras, a definição não só deve proporcionar informações de conteúdo, mas também apresentar informações sobre o conteúdo do signo enquanto tal (**primeiro enunciado**, para Seco, ou **metalinguagem de signo**, para Rey-Debove). Noutras palavras: as informações sobre o conteúdo do signo se identificam como contextuais e ajudam a aclarar como se usam as unidades léxicas em contextos de comunicação. Em geral, essas informações recheiam os dicionários escolares e se encontram em diversos lugares do dicionário

Calderón Campos ((1994, p.51) assim se expressa em relação aos mecanismos de produção, sobretudo aqueles relativos aos aspectos sintático-semânticos: “A informação contextual é imprescindível se queremos que o dicionário sirva para que o leitor seja capaz de usar adequadamente as palavras, e não só compreender seu significado.” O mesmo autor (p.158) é categórico ao afirmar: “Teremos que convencer-nos de que um dicionário não é melhor que outro só pelo fato de incluir ‘mais palavras’(.....), mas quando consegue explicar com clareza que significam as palavras, e mais ainda, como se usam.” Hoje, são unânimes os lexicógrafos em afirmar que o dicionário escolar ideal é aquele que apresenta em seu texto informações suficientes que atendam às funções da leitura e da produção.

Como fenômeno discursivo, a explicação no dicionário consiste em fazer saber, fazer compreender e aclarar. O contexto da explicação supõe um agente possuidor de um saber e um interlocutor ou um público que está a disposição de lê-lo ou interpretá-lo a partir de habilidades e conhecimentos prévios. A relação entre eles é assimétrica, ou seja, há sempre de um lado, o senhor do conhecimento; e de outro, de menor ou pouca experiência, o consultante. No cenário da comunicação lexicográfica, reconhece-se no dicionarista a autoridade para facilitar a compreensão dos conceitos e legitima a explicação confiável e adequada ao usuário, que pode ser um aprendiz, um especialista ou mesmo qualquer sujeito integrante de uma comunidade lingüística caracterizada por aspectos culturais os mais variados.

Essa é a razão pela qual para cada nível do conhecimento se propõe entre os interlocutores condições distintas (um contrato de explicação), segundo o propósito da transmissão da informação e da identidade dos interlocutores. Por isso a informação veiculada num dicionário especializado, de alto nível técnico ou científico, tem tratamento metalingüístico diferente, produzida em relação a um dicionário escolar para o ensino fundamental.

3. Análise dos dados

No interior do verbete lexicográfico realizam-se estratégias distintas de explicação para a produção. Esses mecanismos são atualizados como informações sintático-semânticas (e também estilísticas e discursivas), que auxiliam o produtor de texto no uso de uma palavra em contextos comunicativos. São representados por paradigmas que se classificam em vários tipos, revelados a partir da análise dos dados coletados e discutidos em seguida.

2.1. Exemplos de aplicação

Os exemplos se apresentam na estrutura dos verbetes em análise situados ao lado das definições. Estas informações constituem **enunciados**² extraídos de um corpus, escritos ou orais, que se denominam **exemplos autênticos** (verdadeiros **exemplos de uso**) ou se apresentam como frases, produzidas pelo próprio lexicógrafo, que são os **exemplos inventados (ou construídos)**.

Eis alguns exemplos, situados após a definição: um inventado como em (1), extraído de Mattos (1996), e outro autêntico (2), retirados de Ferreira, 2001:

(1) **Periferia** 1. Linha mais afastada do centro de alguma coisa: contorno- *a periferia de uma praça*.

(2) **ex.por** 12. Fig. Arriscar-se -Eu acho que você se expôs muito, dando uma sugestão dessas. (Ana Maria Machado. Amigo É Comigo).

Como se vê, o **exemplo de aplicação** é um enunciado ou uma frase que se acrescenta à definição para cumprir várias funções, como veremos a seguir, no texto-verbete. Enquanto a definição constitui um modelo geral e abstrato, os exemplos se comportam como modelos concretos que servem ao usuário do dicionário para repeti-los ou para formar enunciados paralelos com o aval de um modelo de construção atual e culto (Hernandez, 1994: 112). Mas o exemplo não deve ser considerado menos importante que a definição, um material adicional do verbete lexicográfico; ao contrário, afirma Hernandez, (1994:112) “deveria ser o ponto de partida da definição e não simplesmente a prova de sua validade, e, portanto, uma parte integrante do verbete.

E acrescenta, ainda: “Considerados como complementos, meros acessórios- que como tais poderiam omitir-se- seria o mesmo que reconhecer que o dicionário é só uma obra com finalidade decodificadora”, (id., ib.). Ou seja, uma obra desse tipo tem apenas a finalidade de ajudar o leitor a compreender os textos que lêem. Nesse caso, temos o que os teóricos denominam **dicionário de recepção**.

Os exemplos nos dicionários escolares em análise podem cumprir várias funções com a finalidade de mostrar como o lexema é usado nos contextos reais de comunicação e ajudar na produção de textos. Algumas dessas funções foram apontadas por Drysdale, 1987, citado por Calderón Campos, 1994, p.66:

a. ilustrar modelos gramaticais ou mostrar diferentes questões gramaticais, como regime verbal, argumentos de oração, etc:

(3) **as.sis.tir** v.t.i.l. Estar presente; comparecer : assistir à cerimônia. T.d. 5. auxiliar, socorrer; proteger: Deus assiste (a) os jovens em tempos tão difíceis. Ferreira

² Para Martin (apud Welker, 2004, p.151), “o exemplo construído tem o estatuto de ‘frase’, ao passo que a abonação tem o estatuto de ‘enunciado’. A frase não remete a uma situação real, fornece apenas o sentido literal, já o exemplo autêntico carrega muitas marcas ideológicas, de modo que, muitas vezes, o conteúdo só pode compreendido se os fatos aludidos forem do conhecimento do usuário.

(4) **Grugulejar** v. Soltar grugulejos. – O peru grugulejou. Mattos

b. mostrar colocações ou fraseologias típicas:

(5) **Próspero** 2. Que traz lucros sempre maiores- Eu lhe desejo um próspero ano novo. Mattos

(6) **Isolante**. 1. Que isola – Usei uma fita isolante para fazer um concerto no fio elétrico. Mattos

(7) **Isenção**. Ato de isenta: dispensa - A isenção de impostos depende de uma decisão do Governo. Mattos

Os exemplos de aplicação aparecem também com tal função em alguns dicionários na definição ou preenchem a subentrada, localizada no interior do verbete.

c. indicar registros ou níveis estilísticos, como em Mattos (8):

(8) **Pichar**. s. Pop. Falar mal de pessoas ou atividade: difamar – O povo vive pichando o governo/ Picharam a atuação dos jogadores. Mattos

Como se vê, em todos os casos acima, os exemplos têm uma função comunicativa específica e representam realidades mais concretas. Mas também expressam a coocorência de unidades dentro de um enunciado (4),(5),(6),(7). No último caso, como em (8), indica um uso concreto particular, do ponto de vista estilístico.

Como se vê, os exemplos de aplicação, enfatiza Calderón Campos (1989, p.65), de fato, devem funcionar, não sendo, pois, considerados como um adorno, nem elemento meramente acessório nos dicionários, senão como parte essencial dos mesmos. Mas não é necessário registrar exemplos em todas as acepções, isso só deve ocorrer quando cumprem uma finalidade: um exemplo pode não servir para nada, ou inclusive ser contraditórios em relação aos conteúdos expressos pela definição.

Observamos nos dicionários brasileiros aqui estudados que os exemplos não se apresentam sistematicamente, ou seja, não aparecem em todas as acepções. Também os exemplos predominantemente caracterizam-se como inventados e mais raramente autênticos, extraídos, em sua grande maioria, de textos literários, num caráter de abonação.

Vale salientar que os exemplos de aplicação em análise, além das funções supra, assumem outras com a finalidade de auxiliar o leitor na compreensão do lexema consultado, as quais não foram objeto de nossa preocupação nesta comunicação.

3.2. Posição das palavras

Algumas palavras podem mudar de significado ou de forma, dependendo do contexto em que ocorrem. Entre parênteses, registram-se explicações, observando a ordem da palavra na oração. Veja em Mattos tais explicações:

(9) **Belo**. 2. [Colocado antes da palavra a que se liga]. Que provoca espanto por seu tamanho: grande – *Um belo negócio*. Mattos

O lexicógrafo explica ao usuário que belo no verbete acima pode ser usado em diferentes posições, pois, dependendo do lugar que ocupa no sintagma, o significado desse adjetivo muda, além de instruir o consultante a usar a palavra adequada ao contexto. Para tanto, apresenta uma definição e um exemplo para o definido em tela.

Há outros casos que têm a ver com o contexto da palavra: a forma de uma palavra pode reduzir-se diante de uma consoante, como ocorre com determinados substantivos. Em (10), observa-se esse fato:

- (10) **São** Forma apocopada de santo , usada antes de nomes que começam por consoante: São Francisco. Kury

Vale salientar, ainda, fenômenos próximos aos apresentados na seção anterior. Nesses, o lexicógrafo explicita o tipo de complemento que o verbo pode exigir, expresso entre parênteses:

- (11) **Veranear**. v.t. (acompanhado de complemento adverbial) Passar o verão em lugar diferente daquele onde vive. Kury

- (12) **Erigir v.t.d. 3**. Fundar, criar . V.t.d.(acompanhado de predicativo). Kury

Como se pôde observar nos verbetes supra se indicam informações apresentadas entre parênteses que dizem respeito aos tipos de complementos de unidades léxicas definidas. Isso ocorre, nos dois exemplos (85) e (86). Além da marcação abreviada, indicadora de informação sobre a transitividade verbal.

Assim a explicação dispensa exemplos,. Aliás esta não é a estratégia usada, por exemplo, por Mattos, em:

Veranear. V. Passar o verão em algum lugar – **A família sempre veraneia na praia.**

No caso de Mattos, ao contrário, o autor prefere dispensar as explicações em favor do exemplo de aplicação.

3.3. Índice de domínio

Para definir uma unidade lexical, de sentido amplo, o lexicógrafo costuma deixar claro o limite de alcance da definição. Diego (1987.p.54) propõe a formulação: “Neste contexto, xy significa...”.

Veja os exemplos de Ferreira (87), (88), (89):

- (13) **pe.ri.as.tro** sm Numa órbita elíptica, ponto de maior aproximação de um astro que gravita em torno do outro.

- (14) **pe.ri.fe.ri.a** 3. Numa cidade, a região mais afastada do centro urbano.

Nesses casos, a parte assinalada (grifo nosso) delimita o sentido do definido. Essa estratégia nem sempre é aquela assumida por todos. Mattos, por exemplo, opta pelo exemplo de aplicação:

- (15) **Periferia 2**. Região mais afastada do centro de alguma coisa – as casas mais humildes ficam na periferia da cidade.

Aqui a definição da unidade léxica se torna mais abstrata e o exemplo vem representar um sentido mais concreto, referindo-se a um objeto em particular.

3.4. Regime argumental

Uma definição lexicográfica propriamente dita nem sempre consiste na pura análise semântica do definido, mas pode ir ainda mais além ao mostrar também as condições sintagmáticas ou contextuais em que este definido deve ser empregado. Martín García (1999, p.48) prefere a denominação **regime argumental** para expressar a informação contextual. Esse o define como a valência ou o número de argumentos que um termo necessita para construir uma oração

A esta informação contextual Porto Dapena (2002, p.313) a denomina diferentemente como contorno integrado (Porto Dapena, 2002, p.313), pois funciona como argumento, formando parte do sintagma representado pela definição . Ou seja, o argumento assume uma função sintática que certamente pode ou não coincidir com a exercida quando se constrói com o definido. Mas o ideal seria ser igual.

Veja os exemplos:

(16) **enxugar** 3. Eliminar (o que é excessivo) . Ferreira

(17) **en.cru.ar** 1.Tornar cru, enrijar (o que estava quase cozido). Ferreira.

Nesses casos, o contorno funciona como argumento da frase, contextualizador semântico-sintático dentro da oração. Agindo assim, o autor busca ser coerente com o princípio da sinonímia³, ideal perseguido pela Lexicografia clássica. Daí Porto Dapena colocar esse tipo como o verdadeiro contorno.

Os parênteses, nos exemplos acima, indicam um tipo de complemento mediante um recurso tipográfico que ajuda delimitar os elementos imprescindíveis para a construção daqueles que figuram na sintaxe da definição.

Outros autores, como Mattos, registra o contorno sem marcação de parênteses, como em:

(18) **Enxugar**. Cortar o que alguma coisa tem de mais. Mattos

parece sem o uso dos parênteses a sintaxe do enunciado se tornar menos artificial, distanciando-se daquela linguagem mais próxima a que o usuário utiliza em seus contextos de comunicação.

A noção representado pelo *contorno* diz respeito a qualquer argumento interno potencial do verbo que se define, como objeto direto, sujeito.

3.5. A natureza semântica dos argumentos

Para que uma oração seja gramaticalmente bem formada, lembra Martín Garcia (1999, p. 50), é preciso que exista uma coerência semântica entre os núcleos e os complementos selecionados. Assim compreendido, pode-se identificar esse fato plenamente com os denominados traços contextuais selecionais, de que fala a gramática gerativa. Para Dapena(2002,313), trata-se de um caso de contorno, mas do tipo não-integrado, pelo fato de não compor a definição, mas funciona como contextualizador do definido, ou seja, expressa uma explicação sobre a utilização da unidade léxica que introduz o verbete, a palavra-entrada.

Para realizar essa função, os autores usam expressões como **diz-se de**, **aplica-se**, **relativo a**, **falando de**, **geralmente**, que podem aparecer em enunciados marcados por parênteses, ou não:

(19) **Nômade** Que não tem habitação fixa (falando de tribos ou raças). Mattos

O autor usa também a expressão **falando de**, ao lado de **diz-se**, forma raramente usada pelos lexicógrafos.

(20) **bi.pe.dal**. Sobre dois pés ou duas patas (diz-se da posição dos bípedes). Ferreira.

Nesse caso, quando o contorno vem após a definição, costuma vir entre parênteses. Mas nem sempre. Os autores frequentemente dentro de uma mesma obra ora apresenta antes ou depois do conteúdo da definição. A mesma coisa se diga em relação ao uso dos parênteses, ora se utiliza deles, ora não.

³ Seco (1987, 36) o define como segue: “(...) o enunciado definitório, XY, é sinônimo da palavra-entrada, A, de tal maneira que, em um contexto de fala, em que figure o termo A, este seja substituível por XY sem que isso leve consigo nenhuma alteração do sentido da mensagem”. A aplicação desse princípio de forma adequada leva a distinção de *conteúdo* e *contorno*.

(21) **Alísio adj. e s.m** (Diz-se do) vento que sopra entre os trópicos, do N.E. para S.O. no Hemisfério Norte, e de S.E. para N.O., no Hemisfério Sul. Kury.

Em (21), a definição é a fusão de duas, uma expressa o definido enquanto adjetivo, e a outra explica o definido enquanto substantivo. Aquela que vem entre parênteses é a expressão do primeiro tipo, indicadora de contorno não-integrado, pois contextualiza o definido e não o define propriamente. Nesse caso, em Kury, vem entre parênteses e no início da definição.

Vale salientar que em geral não há uniformidade de critérios no interior da mesma obra em relação à posição da expressão considerada informação contextual. Também o mesmo não ocorre em relação aos parênteses.

3.6.. Marca de uso

Segundo Fajardo (1997, p.32), marca de uso é o recurso utilizado na microestrutura para sinalizar particularidades de uso, de caráter não regular que distingue determinadas unidades léxicas. Dito de uma outra forma mais objetiva, o mesmo autor coloca: “a marcação lexicográfica cumpre uma função fundamental, qual seja a de caracterizar um elemento léxico assinalando suas restrições e condições de uso e tem sua expressão no emprego de diferentes tipos de marcas.” (1997-1998:32)

As marcas então são informações concretas que restringem ou condicionam o uso das unidades léxicas. Podem ocorrer abreviadas, posicionadas precedendo a definição, com a finalidade pedagógica importante, qual seja a de auxiliar o consulente sobre tudo na produção de seus textos e na aprendizagem de línguas estrangeiras. São de vários tipos, de natureza sociolingüística, semântica, estilística, técnica ou pragmática. Eis alguns exemplos:

(22) **Co.ru.ja. 2.** (fig. deprec.). Mulher velha e feia. Luft.

(23) **Gar.çom 2.** Gir. Em futebol, jogador especialista em preparar jogadas para seus companheiros; assistente (3). Sacconi.

(24) **Modo. 6.** Em gramática, maneira de manifestar-se a ação do verbo. Rocha.

Nos exemplos (22) e (23), ocorrem marcas explícitas, abreviadas, e em (24), Rocha apresenta a marca de forma distinta, por extenso e na forma de um sintagma preposicionado. A uniformidade também não ocorre dentro da mesma obra, o que pode trazer dificuldade para o leitor na hora de fazer suas consultas.

3.7. Regime preposicional

Este tipo de informação aparece em verbos, adjetivos e substantivos. Os autores brasileiros costumam registrar o regime verbal de forma explícita, mediante comentários dentro do verbete, como nos exemplos (26), (27) ou mediante exemplos, como em (25) :

(25) **as.sis.tir v.t.i. 1.** Estar presente; comparecer: *Assisti à cerimônia.* Ferreira

(26) **Esquecer -- - se. v. p.** [com a prep. de] 1. Perder a lembrança. Kury

(27) **Assistir v.t.i ou t.d. 1.** Estar presente; comparecer, presenciar: **assistir o jogo, assistir a ele** (e nunca assisti-lhe). Kury

No primeiro caso, a informação sobre o regime preposicional vem entre colchetes ao lado do definido, no segundo exemplo, aparece como nota entre parênteses, num tom extremamente prescritivo, anexada ao exemplo. Nesse caso, a informação aparece redundante, já que ocorre no exemplo e como nota explícita. No último caso, implicitamente, aparece apenas no exemplo.

Sobre esse último procedimento, Welker (2004, p.,137) assim se expressa:

Apresentar fatos sintáticos apenas em exemplos, deve ser desaconselhado, pois o usuário nem sempre tem a competência de descobrir em que contexto pode ou deve usar as construções registradas.

A propósito, o dicionário não deve ser considerado complexo em sua organização, pois seu texto quanto mais legível melhor para o consulente. Aliás a maioria dos dicionários estudados aqui (inclusive os considerados bons pelo MEC) podem ser considerados difíceis pelo consulente. Por **isso**, é necessário que o professor forme melhor o leitor, desenvolvendo um trabalho com dicionário em sala de aula, mais eficaz e mais produtivo.

Considerações finais.

Os dicionários brasileiros, sobretudo, aqueles considerados bons pelo MEC, uns mais que outros, apresentam mecanismos de explicação, diversificados. No entanto, tais informações se apresentam assistematicamente no interior de um mesmo dicionário e, de forma escassa.

Tais mecanismos dão ao usuário instruções sobre o uso das unidades léxicas consultadas, sendo os mais comuns: contorno definicional (regime argumental), exemplos de aplicação, marcas de uso.

As explicações, do tipo exemplo de aplicação, voltadas para a orientação de produção textual são raras mesmo nos bons dicionários, na avaliação do MEC. Tais mecanismos, quando ocorrem, apresentam-se assistematicamente nos dicionários considerados bons e excelentes (Recomendados ou Recomendados com Distinção). Nos considerados ruins (Recomendados com Ressalvas), os exemplos quase não aparecem.

Exemplos tipo citação de fragmentos literários são mais comuns em dicionários excelentes, na avaliação do Mec. Esses exemplos funcionam como abonação, como ocorria nos dicionários normativos, de orientação acadêmica..

Também, apresentam as informações de metalinguagem de conteúdo acrescidas de informações contextuais, com o fim de não só definir a unidade léxica e mas também explicá-la

Os tipos de contorno, integrado e não-integrado ocorrem, porém com alguma frequência e de forma assistemática.

O regime verbal, especialmente aquilo que diz respeito ao emprego da preposição, vem de forma normativa frequentemente observado pela maioria dos autores pesquisados.

Raramente os autores fazem referência à colocação das palavras no enunciado e, quando o fazem, salienta a questão do adjetivo.

Os dicionários para cumprirem uma de suas finalidades, qual seja a de ajudar o usuário a escrever, têm a necessidade urgente de incorporar estratégias apropriadas a esses fins, como o contorno, o exemplo, marca de uso. Mas que venham sistematicamente e com uma presença mais significativa.

Referências

- ALEJANDRO, Fajardo.(1996-1997) *Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la Lexicografía española*. Revista de Lexicografía, Vol. III. Universidad da Coruna.
- ALVES, Ieda Maria.(1997). *Marcas de discurso de divulgação científica*. In: O Discurso Oral Culto. Dino Preti (org.) São Paulo.
- ÁVILA MARTÍN, Maria del Carmen.(1998). *El diccionario en el aula*. Granada: Universidad de Granada.

- CALDERON CAMPOS, Miguel. (1984) *Sobre la elaboración de diccionarios monolingües de producción. Las definiciones, los ejemplos y las colocaciones léxicas.*
- CASADO VELARDE, Manuel. (1994-1995) Los operadores es decir, esto es, o sea y a saber em espanol actual: valores de lengua y funciones textuales. In: *Estudos de Lingüística*, n 10, p 87-115.
- CHI, Man Lai Amy. (1998) Teaching dictionary skills in the classroom.. In: *EURALEX' 98 PROCEEDINGS* (actes), Vol. II THIERRY FONTENELLE, Philippe *et al.*(eds).
- DIEGO, Alicia Fedor de. (1997) *Terminologia: Teoria y Práctica. Union Latina.* Equinoccio. Universidad Simon Bolívar.
- FERNANDES, Sílvia Dinucci. (2003) *Aquisição de linguagem: Conceito, Definição e Explicação na criança.* São Paulo, cultura acadêmica.
- HERNANDEZ, Humberto.(1994) El diccionario entre la Semántica y las necesidades de los usuários. In: *Aspectos de Lexicografía Contemporánea.* Barcelona, Vox Bibliograf.
- _____. (1998) *Los diccionarios de orientación Escolar.* Tubingen, Max Nemeyer Velarg.
- LEIBRUDER, Ana.Paula.(2000) O discurso de divulgação científica.In: Brandão, H.N (org). *Gêneros de discurso na escola.* São Paulo: Cortez, p. 229-253
- MALDONADO, Concepción.(1998) *El uso del diccionario em el aula.* Madrid, Arco Libros.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio.(2002) Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros Textuais e Ensino.* DIONÍSIO, P.D., MACHADO, A.R., BEZERRA, M.A. (orgs.) Rio de Janeiro, Lucerna.
- MARTIN Garcia, Josefa.(1999) *El diccionário em la enseñanza del espanol.* Msdrid, Arco Libros.
- MARTINEZ, María Xesús Rodís. (1997) Processos de exemplificação no discurso. In *cadernos de língua*, Vol.15:119-138.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO.(2003) *Guia de livros didáticos.*
- MIRANDA, Félix Bugueno, BENEDUZI, Renata. (2004-2005) Aprendendo a ler um dicionário: análise de verbetes de dicionário. In: *Revista Língua e Literatura.* Frederico Westphalen, v.6 e 7, n 10 11, p. 113-114.
- NASCIMENTO, Maria Rosário Loiola do. (2001) *Definição: paráfrase ou perífrase.. Análise da estrutura de definições nos dicionários .* (Dissertação de mestrado). Brasília, UNB.
- PEREZ, Elena Bajo. (2000). *Diccionarios.* Gizón Edições Trea, S.L..
- REY-DEBOVE, Josette. (1971) *Étude linguistique et semiotique des dictionnaires françaises contemporaines.* Paris.
- PORTO DAPENA, Jose Porto.(2002) *Manual de Técnica Lexicográfica.* Madrid Arco Libros.
- SOUSA, José Martínez. (1995) *Diccionario de Lexicografía Práctica.* Barcelona, Bibliograf.
- SECO, Manuel. (1987) *Estudios de Lexicografía Espanola.* Madrid Paraninfo.
- ZAMUDIO, Bertha e ATORRESI, Ana. (2000) *La explicación.* Buenos Aires. Eudeba.
- WELKER, Herbert Andréas. (2004) *Dicionários: Uma introdução à Lexicografia.* Brasília, Thesaurus.

Fontes

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (2001) *Miniaurélio Século XXI.* 5 ed.. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- KURY, Adriano da Gama.(2001) *Dicionário da Língua Portuguesa.* São Paulo, FTD.
- LUFT, Celso Pedro. (2000). *Mini-dicionário da Língua Portuguesa.*São Paulo, Ática.
- MATTOS, Geraldo.(1996) *Dicionário Júnior da Língua Portuguesa.* São Paulo, FTD,
- ROCHA,Ruth.(1996) *Minidicionário Enciclopédico Escolar.* 1 ed. São Paulo, Editora Scipione.
- SACCONI, L. A. (2001) *Dicionário Essencial da Língua Portuguesa.* São Paulo, Atual.